

5

Considerações finais

Queiruga, no início de sua obra *Repensar a ressurreição* convida o leitor a não se apressar em emitir julgamentos, mas que se dê ao trabalho de encarar com serenidade a proposta nela contida.

Foi o que procuramos fazer. Adentramos no seu pensamento e tiramos algumas impressões. Estamos diante de um autor muito sensível ao momento histórico que perpassa o mundo ocidental. E esse momento é marcado por uma mudança de paradigma que tem exigido ampla revisão dos conceitos tradicionais que até então nortearam a estrutura reflexiva, cultural, política, organizacional e religiosa do mundo. Obviamente essa realidade impacta também naquilo que é o específico da religião, que deve ser tratado pela teologia.

Queiruga é um desses teólogos que assume o encargo de se comunicar com a sociedade pós-ilustrada.²⁰² Já tocamos nesse ponto, essa é a característica mais marcante que perpassa as suas obras. Em certos momentos, a impressão que fica é que ele abre mão da erudição, para abordar temas importantes da teologia muito mais em vista de torná-los aceitáveis e compreendidos sob novos enfoques, do que tratá-los na sua complexidade própria. Bem entendido, longe de postular qualquer simplismo em suas abordagens, o que destacamos é seu notável esforço em tornar os temas da reflexão teológica mais assimilável até mesmo por quem não se sente tão familiarizado com esse tipo de reflexão.

Encontramos em diversos momentos, no conjunto de sua obra, expressões de lamento pela dificuldade da teologia e da própria Igreja em dialogar com a nova sociedade que surgiu na modernidade. Não é que Queiruga aceite o “modernismo” de forma irrefletida, mas condenação de tudo o que parecia ser novidade fez surgir uma barreira bastante grande entre a expressão religiosa, marcadamente tradicional, e a intelectualidade moldada segundo o espírito da modernidade.

²⁰² O termo “pós-ilustrada” é sinônimo de sociedade moderna. Sabemos que atualmente se fala em pós-modernidade. Mas para o nosso propósito, usaremos esses termos pensando no evento da modernidade que gerou uma nova concepção de mundo, de ser humano e colocou em xeque as noções tradicionais sobre Deus, religião e Igreja.

É esse desejo de repensar a forma de expressar o conteúdo da fé que marca a abordagem de Queiruga também sobre o tema da ressurreição.

Nós já afirmamos algumas vezes que Queiruga não é o único a trabalhar nessa perspectiva. Ele está inserido dentro de uma tradição que se viu obrigada a dialogar com a sociedade moderna. Por isso achamos que foi válido iniciar esse trabalho com a questão do Jesus histórico, estudando as sínteses de Bultmann e alguns de seus críticos. Em certo sentido, esse é o ponto histórico e também a matriz metodológica que orienta até hoje a cristologia em geral.

É preciso reconhecer a influência do pensamento de Bultmann no trabalho de Queiruga. A preocupação do primeiro é quase que a obsessão do segundo: tornar a linguagem religiosa inteligível e significativa para o ser humano atual. Queiruga assume e continua o trabalho de demitização dos textos bíblicos e da própria linguagem religiosa. E no que se refere à ressurreição de Jesus, ele assume o caráter teológico e simbólico dos textos que narram esse evento, negando-lhes que sejam provas históricas da ressurreição mesma.

Mas também existem divergências relevantes nas concepções cristológicas de Bultmann e Queiruga. Uma delas, já bastante caracterizada, está na compreensão da ressurreição vinculada ao querigma. Pudemos ver que o querigma apostólico é o núcleo de referência histórica da ressurreição e figura como a expressão de uma comunidade que assume, no concreto de sua vida, a convicção de que Jesus está ressuscitado. Queiruga concorda com a posição de Bultmann de que o querigma é assumido na fé dos apóstolos e discípulos. Mas, no seu entender, não foi a expressão do querigma que ressuscitou Jesus. Dito de outra forma, Queiruga afirma que é a experiência da ressurreição de Jesus, com ato de Deus e acolhido na fé, que fundamenta o querigma. Dessa forma, a fé desponta como o elemento fundamental que possibilita compreender e vivenciar a ressurreição.

Nessa ampla discussão sobre o Jesus histórico, pensando mais especificamente sobre a ressurreição de Jesus, podemos afirmar que Queiruga não aceita que a ressurreição seja histórica desde o ponto de vista de uma interpretação literal dos textos bíblicos. Mas aceita que a ressurreição tem seu gancho na história e é um evento que marca a própria história, uma vez que foi assimilada na realidade concreta de pessoas inseridas no mundo.

Essa conclusão é assumida na esteira do pensamento de outras cristologias muito bem fundamentadas, às quais pudemos fazer referências ao longo desse trabalho. Essas cristologias, algumas já clássicas como é o caso de Pannenberg, Kasper e Schillebeeckx e outras ainda em desenvolvimento tais como Queiruga e Moingt têm um parecer positivo quanto a historicidade da ressurreição. Esses autores buscam, cada qual com enfoques determinados, um caminho de equilíbrio ao conceber a ressurreição de Jesus. É possível dizer que eles assumem a ressurreição como a ação de Deus que, pela fé pode ser assumida e vivenciada pelos apóstolos e, na forma de testemunho, fez surgir o querigma. Esse é o caminho para evitar a abstração absoluta da ressurreição contida na proposta de Bultmann e, por outro lado, evitar o recuo ao historicismo ingênuo na leitura dos textos bíblicos.

Um aspecto que ainda merece ser enfocado é o risco, nessa tentativa de demitizar o texto bíblico, de se cometer algumas simplificações. É verdade que a ressurreição não pode ser entendida como uma reanimação de um cadáver. Também não é o retorno de um morto à mesma vida anterior. Os textos bíblicos nem pretendem passar esse entendimento. Mas, como já aludimos no final do segundo capítulo com as citações de R. Brown e X. Léon-Dufour, é preciso também respeitar a linguagem narrativa do texto. É na busca da sua intencionalidade profunda e original, o que exige de nós – por conta do distanciamento temporal e diferença cultural – um esforço hermenêutico intenso, que poderemos nos manter fieis àquilo que a narrativa quer nos comunicar.

Parece bastante coerente esse alerta. E se de um lado há certo consenso em interpretar os textos do sepulcro vazio e os relatos das aparições como narrativas desinteressadas pela precisão histórica, evitando a tentação de “materializar” aquilo que é comunicado, por outro lado, sugerir que o corpo, o cadáver, tenha permanecido no sepulcro, seguindo o destino natural próprio da realidade material – mesmo que seja a possibilidade da realidade histórica – distancia-se daquilo que os textos narram. E uma teologia, para ser coerente e fiel, precisa trabalhar embasada naquilo que os textos afirmam e a partir daí desdobrar-se nas suas especificidades. Parece que não há nenhum ganho para a compreensão compromissada da ressurreição afirmar que os textos bíblicos garantem provas empíricas da ressurreição. Da mesma forma, nada de substancial é acrescentado à fé na ressurreição supor que o cadáver permaneceu no sepulcro. A ressurreição de

Jesus foi manifestada, desde sua origem, numa perspectiva bem mais elevada. Isso é assegurado pelos textos bíblicos e é a partir dessa realidade que se deve desenvolver qualquer abordagem reflexiva.

O retorno ao texto bíblico é marca própria da cristologia na modernidade. Depois de todo o desenvolvimento metodológico do estudo bíblico, seria por demais simplista entender esses textos de forma literal. O que não significa que seja legítimo renunciar ao esforço para interpretar e significar aquilo que é dito e afirmado pelo texto. E o texto diz que o sepulcro estava vazio e que o Ressuscitado se manifestou. Ainda que seja útil uma teologia negativa, cujo enfoque se volta para determinar aquilo que o texto não diz, é preciso sempre e cada vez mais construir uma teologia positiva que busca interpretar o que o texto quer comunicar.

Caminhando para o final dessa dissertação, ainda parece oportuno frisar que o trabalho realizado foi desenvolvido num enfoque circunscrito. A partir da proposta de Queiruga, direcionamos nossa atenção na ressurreição de Jesus Cristo. E como já foi dito na introdução do nosso trabalho, também tivemos amplo suporte de outras bibliografias que foram relevantes para o desenvolvimento desse tema.

Temos consciência do que fizemos: um trabalho que tratou sobre a ressurreição de Jesus, uma temática abordada dentro da tradição da cristologia moderna, a partir da questão do Jesus histórico. Tivemos a oportunidade de reler os textos bíblicos sobre a ressurreição desde a ótica de Queiruga e demais autores para apresentar suas principais conclusões.

Mas também sabemos aquilo que não fizemos. Ou seja, não foram abordados os temas colateralmente vinculados com a ressurreição de Jesus Cristo. Nosso trabalho não adentrou nos temas da escatologia que decorrem da fé na ressurreição, mesmo sabendo da sua relevância. Também não tratamos do significado da ressurreição de Jesus vinculado a nossa ressurreição. Sabemos que Jesus ressuscitou como primícias de todos aqueles que vão ressuscitar (Ap, 1, 5). E como já frisamos, a ressurreição de Jesus é paradigma da nossa ressurreição, (cf. 1Cor 15). E também não adentramos nos desdobramentos antropológicos específicos de se afirmar a ressurreição de Jesus e o que dela se predica para a nossa compreensão cristológica. São todos conteúdos teológicos relacionados com

o tema tratado nessa dissertação, mas que não foram abordados no curso desse trabalho.

É possível imaginar como seria pastoralmente interessante, principalmente no nosso contexto sócio-ecclesial bastante sincrético como é o caso do Rio de Janeiro, trabalhar o tema da ressurreição desde o ponto de vista de um debate com as diversas formas de interpretar a reencarnação. A atividade pastoral faz ver com esses dois conceitos, distintos essencialmente, se confundem na consciência de muitas pessoas religiosas. Certamente é um tema bastante sugestivo.

E essa constatação de natureza pastoral só faz evidenciar a necessidade de se continuar dando a devida atenção à ressurreição de Jesus, desde o suporte teórico, mas ao mesmo tempo, evidenciando seu significado para a vida cotidiana. Até mesmo porque, a ressurreição, antes de ser refletida e conceitualizada, foi intuída e assumida na fé, e transformou e continua a transformar concretamente a vida de quem acredita que Jesus ressuscitou. E, partilhando do mesmo pensamento de Queiruga, só é lamentável que temas fundamentais da fé, amadurecidos e clarificados pela pesquisa bíblica e teológica, permaneçam ainda tão distantes de serem assimilados pelas pessoas no comum da vida eclesial. Essa ignorância sobre temas essenciais da fé só faz alimentar credices que não contribuem para a maturidade da fé e cria suspeita e distanciamento nas consciências com um mínimo de esclarecimento.

A consciência daquilo que não fizemos se justifica pela delimitação que preferimos seguir. Com a exceção do tema da reencarnação, os demais tópicos citados são abordados, embora muito sinteticamente, por Queiruga. Mas preferimos imprimir esforço justamente naquilo que é a abordagem central da sua temática sobre a ressurreição, ou seja, refletir sobre a ressurreição de Jesus.

Chegado o final dessa pesquisa, vem aquela dupla sensação: a primeira é de satisfação pelo percurso trilhado, desde as aulas, passando pela elaboração do projeto de dissertação, leituras e o processo de redação. É gratificante concluir etapas; a outra sensação nasce do questionamento crítico frente àquilo que foi produzido. A expectativa inicial é, ainda bem que é assim, ampliada pelas perspectivas que vão se abrindo a partir das leituras feitas.

Parece que nesse específico surgem duas grandes virtudes de um mestrado. Pelo menos foi essa a nossa impressão particular: de um lado, aquela exigência metodológica de trabalhar as informações dentro de um foco progressivo, sem se

perder nas generalizações diversas; de outro, faz criar a consciência que se apegar à sensibilidade daquela humildade acadêmica em perceber que a especialidade adquirida num trabalho *stricto sensu* é muito limitada diante daquilo que já existe como fruto de pesquisa de outros.

Ao trabalhar a partir de literaturas já consagradas no campo cristológico, fica a certeza da obrigatoriedade, aquela própria que se impõe ao intelecto que quer conhecer, de retornar a esses mesmos autores para continuar estudando não somente o tema do qual nos ocupamos mais detidamente, mas o conjunto de suas reflexões.

O significado da ressurreição de Jesus permanece na história, como um convite incessante à reflexão, para que a fé que se move na sua direção seja sempre mais esclarecida, gerando compromissos de expressar a vida do Ressuscitado nas nossas vidas.